



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

AGAMENON PORFÍRIO DE LIMA FILHO

**AUGUSTO – HOMEM MEMÓRIA**

**CAMPINA GRANDE, 2017**

AGAMENON PORFÍRIO DE LIMA FILHO

AUGUSTO – HOMEM MEMÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências legais para a obtenção do título de bacharel em comunicação social.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Simões

Campina Grande, 2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732a Lima Filho, Agamenon Porfirio de  
Augusto - homem memória [manuscrito] / Agamenon Porfirio  
de Lima Filho. - 2017.  
49 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro  
de Ciências Sociais Aplicadas, 2017.

"Orientação: Prof. Dr. Antonio Simões Menezes,  
Departamento de Comunicação Social".

1. Documentário. 2. Memória. 3. Cinema. 4. Augusto Casé  
dos Santos I. Título.

21. ed. CDD 302.234 3

**AUGUSTO: HOMEM MEMÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências legais para a obtenção do título de bacharel em comunicação social.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Simões

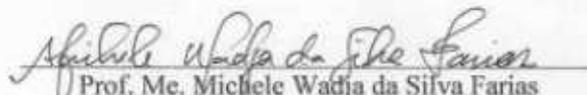
Aprovada em: 03/08/2017

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Antonio Simões Menezes (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Michele Wadja da Silva Farias

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Cássia Lobão Assis

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Agamenon e Ninha, pelo amor imensurável e por me permitirem alçar voos longe do ninho.

À minha irmã Rafaella, pela paciência e força, num convívio de amor e aprendizado nesses anos de caminhada acadêmica.

Aos amigos e mestres, Thiago, Allan, Ícaro, Arycele, Thaynara e Daniel, pelo companheirismo e camaradagem.

À minha companheira Tainá, pelo amor e por me aguentar por meses respirando esse projeto que agora me parece tão bonito.

À Mari e Joana, pelo auxílio criativo.

Ao professor Antonio Simões, por ter aceitado embarcar nesse projeto e pelas iluminações ao longo desse percurso.

Às professoras Cássia e Michele, pelo auxílio e por aceitarem o convite para avaliação desse trabalho.

Por fim, a todos com quem tive oportunidade de trabalhar e aprender nesse longo percurso na universidade.

## **RESUMO**

Tendo as lembranças como construções simbólicas baseadas na realidade, este documentário em forma de Trabalho de Conclusão de Curso, se debruça sobre a narrativa coletiva quanto a figura de Augusto para entender e questionar os modos como o tempo e os afetos moldam as memórias que construímos. Através de depoimentos de parentes e amigos, questionamos o que é real ou não, apresentando um pouco da figura de pai, amigo e avô, nas quais Seu Augusto esteve durante sua vida. O desenvolvimento dessa história tem como base teorias a ilusão biográfica e as biografias em fractais, como escape para edificação de uma imagem única do personagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Documentário, Memória, Cinema.

## **ABSTRACT**

Having memories as symbolic constructions based on reality, this documentary in the form of a course conclusion work, focuses on the collective narrative about the figure of Augusto to understand and question the ways in which time and affections shape the memories we have built. Through testimony from relatives and friends, we question what is real or not, presenting a bit of the figure of father, friend and grandfather, in which Mr. Augusto was during his life. The development of this story is based on theories of biographical illusion and biographies in fractals, as an escape to build a unique image of the character.

Keywords: Documentary. Memory. Cinema.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1 – “Las Meninas” .....</b>	<b>11</b>
<b>FIGURA 2 – Fotografia Still – Último dia de gravação .....</b>	<b>18</b>
<b>FIGURA 3 – Still vídeo do arquivo pessoal da família .....</b>	<b>19</b>
<b>FIGURA 4 – Pintscren sequência do filme no Premiere .....</b>	<b>21</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>DETALHAMENTO TEÓRICO TÉCNICO .....</b>	<b>9</b>
<b>DETALHAMENTO TÉCNICO .....</b>	<b>16</b>
<b>CRONOGRAMA DE ATIVIDADES .....</b>	<b>22</b>
<b>ORÇAMENTO PRELIMINAR.....</b>	<b>22</b>
<b>PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>27</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>29</b>

## INTRODUÇÃO

Augusto Casé dos Santos nasceu no ano de 1927 em Brejo Santo, interior do Ceará. Casou-se aos 30 anos e saiu de sua cidade rumo a Ouricuri-PE, em 1965, com a mulher e seus 2 filhos mais velhos. Foi um dos primeiros moradores do bairro onde sua família ainda hoje reside. Augusto teve 10 filhos, 18 netos e 4 bisnetos. Morreu aos 82 anos, deixando além de seu nome uma memória coletiva referente a sua figura.

Apesar de não estar mais com a família, Seu Augusto reaparece sempre, em conversas e *causos*, ou em seu nome repetido após o nome dos filhos - *Pedro de Seu Augusto*, *Ninha de Seu Augusto*. Mas a memória não é algo imutável. O tempo, as fantasias, a ressignificação das coisas que aconteceram, tudo torna a reprodução exata da realidade através das lembranças algo impossível. Nesse sentido, Gabriel Garcia Marques, no livro *Viver para contar*, diz que “a vida não é o que a gente viveu, e sim o que a gente recorda, e como recorda pra contá-la”. As lembranças são portanto construções simbólicas baseadas na realidade.

A ficção se entrelaça com a realidade através dessa rememoração. As lembranças fixam-se no cérebro pelos traços marcados de experiências vividas, pensadas, sentidas ou imaginadas. O homem que fisicamente já não existe, se molda nas memórias de seus entes queridos, nas lembranças que ficaram em objetos e nos lugares da casa onde ele costumava ficar.

O documentário surge a fim de questionar a veracidade de uma narrativa coletiva, que se propõe contar a história de vida de seu Augusto. Busca-se, assim, evidenciar as subjetividades inerentes aos relatos sobre essa figura. Dessa forma, o que se vê no documentário é a materialização da ilusão biográfica referente ao personagem central da narrativa. Embora, o senso comum possa pensar estar diante da história de vida do protagonista. Na verdade, é apenas um olhar sobre Seu Augusto.

Nosso objetivo foi produzir um documentário de aproximadamente 13 minutos através das narrativas e histórias contadas pelos familiares e amigos do personagem. As entrevistas têm o intuito de recompor a experiência coletiva

acerca da imagem difusa do patriarca da família. A partir disso, construímos uma narrativa que destribe memórias e afetos como formadores da realidade.

Sendo Augusto meu avô, levantamos na construção desse documentário questões quanto a objetividade em se contar uma história de alguém tão próximo. Tido como necessária a estruturação de uma história – jornalisticamente falando – o distanciamento do nosso personagem não existe, ao contrário, usamos essa proximidade como trunfo na construção da nossa narrativa. Pondo em xeque questões como a imparcialidade esperada do jornalista e a construção de realidade estabelecida através de seu ofício.

Dito isto, este documento relata a produção de um documentário que tem como mote Augusto, a fim de destribe a construção de narrativas através das memórias. E conseqüentemente tentar compreender o que podemos apreender de real nesse emaranhado de lembranças.

As imagens para o documentário foram gravadas em janeiro de 2017, com a família e alguns amigos do nosso personagem. Nos meses seguintes seguiu-se a decupagem, e estruturação dos depoimentos de modo a construir a história que queríamos contar. A seguir apresentaremos detalhadamente os processos e ideias que foram utilizadas para a concepção e idealização do nosso filme.

## **1. DETALHAMENTO TEÓRICO TÉCNICO**

### **1.1 O papel do jornalista na representação da realidade**

Nos anos vividos entre as fileiras da universidade, ouvimos sempre que a matéria prima do trabalho do jornalista é a realidade. O papel do jornalismo seria então fazer um recorte dessa realidade e, a partir dela, criar uma representação. Levando em consideração para isso preceitos como a ética e certos fatores de noticiabilidade, o jornalista montaria, com base na realidade em que presencia o fato – ou em grande parte, capta relatos sobre este – um “retrato” ou uma “pintura” do que seria essa realidade.

Segundo Caio Tulio Costa (2009, p.38) o que o jornalista faz não é mais que a representação da representação, ele “sempre estará reproduzindo visões

de outrem – sem contar a presença de todos os outros que formaram a sua própria visão de mundo”. Recorremos às reflexões de Caio Tulio sobre o fazer jornalístico justamente quanto a esses aspectos das “deformações” que essas representações da realidade apresentariam. O jornalista como sujeito carrega preceitos, ideais, e tudo o que ele escreve, cria e produz, não estaria imune de ser “manchado” com as tintas com as quais ele pinta sua própria realidade.

Ela, a comunicação, não será nunca a pura representação, nem simples representação, mas sim a representação da representação - com toda a complexa rede de problemas decorrentes dessas infinitas possibilidades de interpretação e olhares em relação a própria representação. (COSTA, 2009, p.38)

Essa representação da representação pode ser vista na pintura *Las Meninas*, do pintor francês Diego Rodríguez Velázquez. Composta em 1656, a obra retrata a Infanta Margarita, filha do rei Filipe IV da Espanha e Mariana de Áustria, junto a outros personagens da corte. Em um grande salão vemos menina rodeada de duas moças que podemos imaginar que sejam suas acompanhantes. Um pouco atrás, à direita uma senhora e um senhor parecem observar o trabalho que está sendo feito pelo pintor, que com sua tela toma toda a extremidade esquerda do quadro. A direita, recebendo a luz que vem do que parece ser uma janela, dois anões e um cachorro. No fundo da grande sala, vemos três quadros e um espelho que reflete um homem e uma mulher. Além de uma porta iluminada, onde observamos outro homem que não sabemos se entra ou sai da sala.

No entanto, alguns detalhes nos fazem refletir sobre a impossibilidade da obra reproduzir fielmente o real, além de incluir elementos ficcionais à cena, como a luz lançada sobre o espelho ao fundo da sala. E a impossibilidade de, dada a posição do espelho, refletir apenas a imagem do homem e da mulher, ao invés de mostrar as costas do próprio Velázquez e o que ele realmente pinta. As figuras refletidas no espelho são justamente o casal real e no quadro o pintor parece retratá-los. Ou ainda, Velázquez tentando reproduzir quem vê o quadro, transpondo também o observador para dentro da obra. Como observado por Foucault na introdução de *As palavras e as coisas*, *Las meninas* seria um metaquadro, onde o artista se coloca, se vê e se representa. Essa inserção do autor na obra, é outro aspecto que parece reforçar a falsa

representação que vemos.

Velázquez não consegue representar o mundo (ou parte dele) como efetivo ou algo próprio da “objetividade possível”. [...] Ele usa artifícios para ressaltar, usando luz e sombra, usando perspectivas. Cria a representação, que por ser representação carrega consigo uma formidável rede de complexidades. (COSTA, 2009, p.36)

**FIGURA 1** - "La Familia de Felipe IV" ou "Las Meninas". Óleo sobre tela: 3,18 x 2,76 mts. Pintura Espanhola (Século XVII)- Diego Velásquez



Assim como Velázquez se apresenta na obra *Las meninas*, o jornalista, como dito anteriormente, marca o seu trabalho com suas subjetividades e sua visão da realidade. Assim, não busco ser objetivo nesse documentário, já que ela é impossível. Principalmente, quando vou debruçar-me sobre imagens e depoimentos sobre meu próprio avô.

No entanto, é necessário ressaltar, a figura de Augusto não está no centro da construção desse material. É sim um mote. Através da rememoração, através dos depoimentos de filhos e amigos, tentamos apresentar a multiplicidade de memórias que envolve esse homem e, ao mesmo tempo em que apresentamos relatos incongruentes sobre a mesma figura, usamos essas

informações para compor mais uma narrativa subjetiva, que está longe de ser a única possível ou a mais verídica, sobre essa figura. Assim, nosso intuito é evidenciar que documentários de não ficção são compostos por elementos subjetivos e, por isso, no caso de um relato biográfico, por exemplo, não conseguirá ser o registro fiel da história de alguém.

O comunicador não é necessariamente o pintor, apesar de estar submetido à mesma teia de complexidades. Porque no uso da sintaxe e das imagens ele vai trabalhar com representação de outrem e, a partir daí, tratar da sua representação, que será no entanto, a representação da representação - por mais que ele pense estar no horizonte da verdade. (COSTA, 2009, p.39)

No entanto, antes de nos aprofundarmos em questões sobre como ocorreu a construção dessa biografia marcadamente subjetiva baseada na captação, compilação e encadeamento de lembranças do nosso personagem, é válido adentrar no campo da construção das memórias. Segundo Mucida (2009, p.91), para se pensar memória devemos partir de duas referências: primeiramente, elas se constituem de marcas que não se apagam, mas que nem sempre podem ser lembradas ou lembradas totalmente e segundo, elas não mantêm relação direta com os fatos. Estas memórias constroem-se através das experiências vividas, sentidas ou imaginadas, além de sofrerem ações do tempo.

O tempo e as vivências modificam então o modo como as memórias nos afetam. Quando recordamos uma lembrança de infância por exemplo, estamos acessando essa memória a partir da criança que nós fomos, mas com todas as cargas e vivências que o decorrer do tempo agrega. “A ficção entrelaça-se à realidade e à vida” (MUCIDA, 2009, p.93), tornando a tarefa de montar algo próximo ao palpável através desses relatos algo quase impossível.

As lembranças sofrem também os efeitos das fantasias, das novas inscrições e do sentido que o sujeito dá depois àquilo que retorna. A memória não é, portanto, uma reprodução exata dos fatos ocorridos. É impossível reproduzirmos as vivências; estes sofrem distorções das fantasias e da passagem do tempo. (MUCIDA, 2009, p.91)

Considerando a impalpabilidade da memória e das implicações que a oralidade carrega, a via encontrada para organizar as linhas de pensamento na

construção do documentário foram as teorias de Bourdieu da falsa biografia e de Felipe Pena nas biografias em fractais - teorias que inclusive conversam entre si. Bourdieu questiona o entendimento da vida como um caminho a ser percorrido, com começo meio e fim. Vista cronologicamente de modo a organizar os acontecimentos de forma lógica, a vida carregaria uma razão de ser, uma causa, uma finalidade.

Bourdieu (1996) vê o real como descontínuo, aleatório, e diz que produzir uma história de vida em cima desses fatos incessantemente imprevisíveis seria um ato ilusório. O que validaria essa construção do sujeito seriam as construções vivenciadas nos espaços sociais, são elas a chave para manutenção da falsa figura que se estrutura.

O mundo social, que tende a identificar a normalidade com a identidade entendida como constância em si mesmo de um ser responsável, isto é, previsível ou, no mínimo, inteligível [...] dispõe de todo tipo de instituição de totalização e uniformização do eu. (BOURDIEU, 1996, p.186)

Esbarramos novamente na questão do relato do outro, beirando a ficção por sua construção pautada sob uma lógica retrospectiva e perspectiva. No entanto, a biografia em fractais surge como opção para tentar minimizar essa ilusão, apresentando a articulação desses diferentes *eus* que se tenta biografar. Pena propõe o uso metafórico de estudos como as teorias do caos e dos fractais, propondo uma “possibilidade de ordem dentro da própria desordem, sem deixar de confirmar a fragmentação dos processos identitários e suas articulações em redes flexíveis e inesgotáveis” (PENA, 2004, p.95).

As teorias do caos<sup>1</sup> estão associadas a sistemas dinâmicos e complexos de informação. O estudo da narrativa biográfica através desses sistemas caóticos nos dá base para entendermos as múltiplas personalidades contidas em cada figura. Pena nos apresenta o conceito de fractal<sup>2</sup> como meio de nos aprofundarmos no entendimento dessa persona através da fragmentação desta

1 A teoria do caos diz que nosso mundo apresenta um fenômeno fundamental de estabilidade em se tratando de fenômenos não previsíveis. O estudo da desordem organizada (teoria do caos) foi proposto pelo meteorologista Edward Lorenz.

2 Fractal é uma figura geométrica não-euclidiana dotada de auto similaridade, recursividade, holismo e amplificação.

em outras múltiplas e similares identidades. O fractal consiste em uma forma geométrica formada por uma estrutura complexa onde suas pequenas partes repetem as características do todo original.

As biografias em fractais nos afastam da ideia de enxergar a personalidade do biografado como algo totalizante, coerente, com uma identidade mestra que rege todas as outras. Destituindo um centro único, estabelecemos novas articulações entre as múltiplas identidades do personagem. Possibilitando a criação de novas identidades, como um caleidoscópio, que transforma a imagem de acordo com os giros que damos na estrutura.

Contra a ideia de apresentar a vida cronologicamente, os fractais biográficos visam a utilização de modelos de identificação que se sobrepõem de acordo com o contexto. Uma vez que essa identidade muda de acordo com as conexões e representações as quais essa persona está sujeita, nenhuma delas consegue se inscrever como dominante perante as outras. O princípio da independência de auto similaridade constitui o conceito de fractal, pois apesar de cada parte conter características do todo, nenhuma delas pode se colocar como matriz para as outras.

Nessa proposta, alicerçada pela teoria dos fractais, leva em conta que não há mais lugar para discursos totalizantes que ignorem os conceitos de indeterminação, de complementaridade e até de tolerância às ambiguidades. (PENA, 2004, p.103)

A ideia de Pena nos possibilita entender o personagem central da nossa história através da complexidade de falas e conexões observadas entre ele e os entrevistados. Entender a história como algo mais próximo da ficção do que da própria realidade, levando em consideração que as verdades dos personagens são suas verdades, acima de tudo. Como o próprio Caio Túlio (2009, p.40) nos fala, o papel do comunicador aqui é justamente manejar e hierarquizar as informações capturadas, reapresentando com sua capacidade de apresentar.

## **1.2 Documentário como recorte da realidade**

Dadas as devidas considerações sobre o papel do jornalista como estruturador de realidades através do seu trabalho de representação da

representação é válido adentrar no tema documental apontando caminhos que nos conduzam a entender o gênero, assim como no jornalismo, como ferramenta de representação, um recorte. Não nos cabe aqui entrar em definições sobre o que é ou não documentário, mas entrar em discussões de alguns diretores e estudiosos, que enxergam o documentário fora da esfera de representação do real.

As definições mais canônicas de documentário, que talvez sejam também as mais ingênuas, com sua ênfase na objetividade, no acesso não contaminado à realidade, no filme como um espelho voltado para o mundo. É importante ressaltar que essas concepções poucas vezes foram defendidas pelos próprios diretores de documentário. São antes o resultado do senso comum, de certos meios jornalísticos e também da crítica desinformada, distante do longo processo de montagem, da experiência de escolher lentes, de definir enquadramentos e principalmente de descartar, selecionar e inverter horas e horas de material bruto. (SALLES, 2005, p.59)

A realidade exposta no documentário é a que surge justamente quando se liga a câmera. O momento de captura do que se coloca em frente às lentes do diretor e posteriormente como ele organiza essa realidade para apresentá-la ao espectador. Na nossa elaboração tentamos seguir o método de construção observada nos documentários de Eduardo Coutinho, onde “o diretor-personagem insiste em lembrar que o cinema é transformador da realidade retratada”(FROCHTENGARTEN, 2009).

O documentário flerta com a ficção a medida que toda a subjetividade e leitura de mundo do diretor contaminam o seu objeto. A representação da realidade no documentário tende a se parecer ainda mais com o que Velázquez faz em *Las Meninas*. A narração, a voz do diretor que “vaza” na edição, são todos caminhos tomados a fim de estruturar essa realidade criada para o filme. A própria obra de Coutinho nos afasta da ideia do documentário como algo que tenta elucidar, esclarecer ou mostrar as coisas como elas realmente são.

Um documentarista chamado David MacDougall escreveu um livro chamado *O Cinema Transcultural*, que é interessante. Ele diz que a partir do momento que você quer filmar o real, mesmo o etnógrafo mais puro, que não quer inventar nada, e filma 15 horas o litoral,

depois 12 horas a ressaca, mesmo assim ele não pode se iludir que está filmando o real. O que ele está filmando, apenas nesse caso extremo, é o encontro entre o mundo do cineasta ou da equipe e o mundo do outro. (COUTINHO, 2002, p. 2)

À parte disso, a realidade que interessa realmente ao documentarista, como apontado por João Moreira Salles (2005, p.59) é aquela construída pela imaginação do diretor, o que se expressa tanto na filmagem quanto na montagem. A realidade palpável encontrada nos trabalhos de Coutinho, por exemplo, são os encontros registrados pela sua câmera. Essa realidade nasce e morre ali, na cena entre ele e o personagem - como o próprio Coutinho trata as pessoas que aparecem em seus filmes. Ainda assim, é válido questionarmos o poder que a câmera exerce sobre quem é filmado.

E tem uma questão ridícula que muita gente fala: 'Você põe a câmera e a pessoa muda'. O Rouch dizia, há trinta ou quarenta anos, contra o cinema direto americano, que a presença da câmera não era escondida e produz um "efeito câmera" em que a pessoa se constrói, faz uma performance, e que isso é tão importante quanto o fato dela não fazer essa performance. Por isso não dá para julgar se é mentira. A pessoa se reinventa a partir do que ela acredita. (COUTINHO, 2009)

Posto que os documentários não pretendem reproduzir o real, mas falar sobre ele (SALLES, 2005. P.68), poderíamos entender a realidade como matéria prima para essas produções: tanto jornalismo quanto documentário. O filme reduz a complexidade da realidade em uma trilha finita de imagens e som. Transpõe à tela a realidade formatada pelo diretor.

## **2. DETALHAMENTO TÉCNICO**

Augusto – Homem memória é um curta metragem do gênero documentário com 12 minutos de duração. O filme levanta questões sobre a memória e como ela se põe como ilusória com o passar do tempo e com os afetos que a moldam. O produto conta com entrevistas de familiares e amigos de Augusto, personagem com que tentamos enxergar os caminhos por onde a

memória se estrutura. O filme conta também com imagens do arquivo pessoal da família.

A narrativa do documentário inicia tentando humanizar Augusto. Como pai, avô, amigo, ele é um sujeito normal, que se viu inserido em diferentes papéis durante o tempo em que viveu. Visto por diferentes ângulos, deveria parecer dissonante quando remontado através dos relatos dos seus entes queridos. No fim da vida Augusto desenvolve Alzheimer, o que faz com que muitos aspectos até então ocultos da sua persona sejam mostrados aos filhos. Aqui a imagem do pai justo e correto parece destoar dos relatos sobre o antigo emprego como segurança de um senhor de terras e sobre brigas em que Augusto se metia na juventude. A doença acaba por revelar o que segundo Lúcia, uma das filhas do personagem, se escolhe ocultar ou não dos filhos. Por fim, notamos que a imagem dele se hermetiza, talvez pelos atos amenizados pelo tempo ou pela sua morte. Augusto tornasse um homem livre de defeitos, um herói, uma lenda.

As perguntas escolhidas para as entrevistas tentam ativar memórias afetivas e recordações. Perpassam aspectos como a espiritualidade, a personalidade, aspectos onde os filhos veem a presença do pai neles mesmos, além de tentar relembrar fatos e histórias vividas com Augusto. Talvez a proximidade com o personagem tenha repercutido nos depoimentos no sentido de que muitos pareciam somente reproduzir um discurso oficioso sobre o personagem que acabou se transformando Augusto. Como numa biografia, tentava-se a todo custo dar ordem ao que se falava, trazendo um sentido maior de missão de vida. No entanto, conseguimos algumas vezes driblar a barreira da família e encontramos o que havia de humano e não de deus, em nosso personagem.

**FIGURA 2** – Fotografia Still – Último dia de gravação



Recorremos a poucas pessoas fora do ciclo familiar do nosso personagem por dois motivos em especial. O primeiro seria a construção oficiosa da imagem de Augusto que viria dessas entrevistas – o que foi confirmado nos poucos amigos entrevistados. E outro fator consiste no próprio tempo, que se encarregou de levar alguns dos clientes e amigos frequentadores do bar que Augusto mantinha.

O uso da narração em momentos específicos do filme tenta redirecionar o foco para alguns aspectos desse discurso. Sua utilização acaba por ajudar a construir a ideia do filme na perspectiva de fazer o espectador enxergar pelo ângulo que queremos. A narração constrói o caminho pelo qual esperamos que o nosso espectador caminhe. Nesse sentido, reforça a ilusão contida na narrativa.

**FIGURA 3** – Still vídeo do arquivo pessoal da família



Logo antes do início das filmagens, um dos filhos havia recuperado uma fita que continha imagens de Augusto cantando e em alguns momentos com a família. A descoberta da fita pareceu como um presente, dada a ideia inicial de que não se usariam imagens do personagem por até então, ninguém tê-las. Além disso, outras duas imagens surgiram já quando o roteiro começava a ser construído. Em uma delas podemos ver Augusto no começo do Alzheimer, onde já não reconhece sua antiga casa. No outro canta com a ajuda da filha, a mesma música que vemos no início do documentário – Cabelos Brancos de Nelson Gonçalves –, onde Augusto aparece mais debilitado.

O roteiro da montagem das cenas foi construído após as entrevistas. Tínhamos eixos com os quais poderíamos trabalhar na estruturação da história: a história da família, recordações de infância, a juventude do personagem, etc. O roteiro segue a premissa de extrair das entrevistas o que consegue nos fazer questionar a memória ou observar como ela é formada. Até o discurso oficial passa a ser algo a ser explorado. As construções em cima da imagem do personagem são exploradas e esmiuçadas. A ideia de manter o espectador embebido nas lembranças e na descoberta de quem é o personagem nos levou também a fazer o pouco uso de imagens de cobertura. Como Coutinho, tentamos ao máximo ressaltar a fala, sem que recursos de imagem de

cobertura como planos detalhes ou objetos descritos pelos personagens aparecessem na tela.

Eu não me interesso em filmar os objetos, a casa da pessoa, em detalhar a condição social. O que me interessa é um rosto que fala. Existem filmes em que, para cortar, mostram um cachorro no chão, um quadro na parede. Nos meus filmes, não. As pessoas falam com o verbal e com o gestual. Quando as conversas rendem, têm uma qualidade poética tão grande que qualquer tipo de ilustração é empobrecimento. Tem filmes em que a pessoa diz “Eu trabalho em um banco” e então ele aparece trabalhando. Você vai provar o quê? Que aquilo é real? Isso é absolutamente banal, totalmente inútil. Se botar essa imagem, ela vira um conceito que aprisiona. As filigranas do discurso é que são o real. (COUTINHO, 2009)

As entrevistas foram todas gravadas em plano americano, mas na edição optamos pela utilização do primeiro plano e plano detalhe. A escolha além de estética, tenta retirar possíveis pontos de fuga do olhar do espectador. A edição tenta fazer as menores intervenções possíveis nas entrevistas. Os cortes presam por manter a fala dos entrevistados intactas, guiando a história pela ordem em que são colocadas, mas não pelos cortes. Outra escolha estética na edição foram os usos de *light leak*<sup>3</sup>, para trazer uma sensação de lembrança e uma aura etérea para alguns momentos do filme.

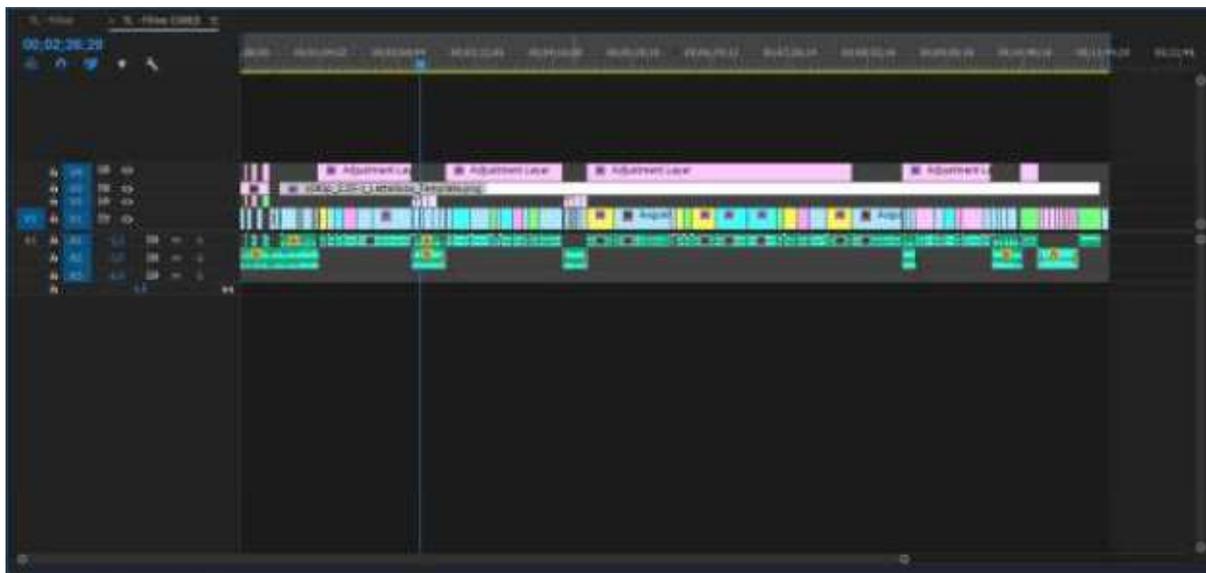
As cores tentam harmonizar entre os diferentes locais e as variações de luz que aconteceram durante as entrevistas. Além disso, conversam com as fotografias em preto e branco que mostramos durante o filme, fazendo um jogo entre o que é ou não ser memória. A captação de áudio foi feita através de um microfone condensador Ht-320a Yoga, ligado a câmera HF R600 Canon.

Por fim, as músicas utilizadas na produção foram duas: Sobre fotos envelhecidas do instrumentista Hugo Linns e Ortopedia da banda pernambucana Rua, ambas cedidas para uso no filme. A primeira é usada nas narrações para criar um clima etéreo, juntamente com os *light leaks*. Já Ortopedia é uma música que ajudou na construção da ideia inicial do documentário, com seu refrão “o afeto é a cola da memória”, a música que

<sup>3</sup> *Light leak* é literalmente um “vazamento de luz”. É um furo ou fenda no corpo de uma câmera, ou outro instrumento óptico, onde a luz é capaz de “vazar” para a câmara, expondo o filme ou sensor com luz extra.

aparece apenas nos créditos finais, acabando por resumir o mote do nosso filme.

**FIGURA 4** – Pintscreen da Timeline com sequência do filme no Premiere



**CRONOGRAMA DE ATIVIDADES**

MÊS/ETAPAS	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	[...]	AGO
Escolha do tema								
Elaboração do Projeto								
Produção e Gravação								
Decupagem								
Roteiro								
Edição								
Produção do Relatório								
Entrega do Produto								
Defesa do TCC								

**ORÇAMENTO PRELIMINAR****Tabela de Mercado**

DESCRIÇÃO	QUANTIDADE	UNIDADE	V. UNITÁRIO	VALOR TOTAL
Produtora	1	Cachê	R\$300,00	R\$300,00
D. Fotografia	1	Cachê	R\$500,00	R\$500,00
Eq. Áudio	1	Cachê	R\$1000,00	R\$1000,00
Verba Produção		Cachê	R\$500,00	R\$500,00
Edição	1	Cachê	R\$600,00	R\$600,00
TOTAL				R\$2900,00

### Nosso orçamento

DESCRIÇÃO	QUANTIDADE	UNIDADE	V. UNITÁRIO	VALOR TOTAL
Produtora	0			
D. Fotografia	1			
Eqp. Áudio	1	Microfone Boom	R\$180,00	
Verba Produção		Passagens	R\$300,00	R\$300,00
Edição	1			
TOTAL				R\$480,00

### PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

A ideia de fazer um documentário surge na iminência do fim do curso e da necessidade de se escolher algum objeto para se trabalhar que fosse o menos doloroso possível. Escolher um documentário seria mais fácil pelas experimentações em vídeo que exercitamos desde o início de 2016. Ir além de dos moldes que permeiam uma entrevista e, experimentar a produção com o máximo de espaço criativo possível.

A ideia surge também após meses assistindo as obras de Eduardo Coutinho e as mais variadas entrevistas possíveis. As discussões do diretor sobre memória, oralidade, a realidade do encontro retratado ali na frente da câmera. Algumas reflexões nos levaram a pensar sobre a memória familiar. Particularmente na figura de Seu Augusto, que no fim da vida desenvolveu alzheimer e acabou por desconstruir o homem em memórias. Toda família acabou por descobrir pedaços ocultos de seu Augusto. Passados alguns anos da sua morte, os filhos continuam a exaltar o pai com orgulho. Mas todo mundo comentava que, depois que ele se foi, “caiu uma coluna da casa”. A história estava ali, o problema era tratar de um objeto tão próximo. A saída foi perceber Augusto como um mote, apenas um personagem para que tratássemos de memória e de ilusões biográficas.

Em janeiro viajamos para Ouricuri, cidade do sertão Pernambucano. Fica a 623 km de Recife, próxima à divisa com o Piauí e o Ceará. Augusto era cearense mas mudou-se com a família para Ouricuri por volta de 1965. A família recebeu bem a notícia da gravação do documentário. Todos ficaram muito animados com a ideia de falar sobre seu Augusto. As entrevistas foram sendo marcadas nas duas semanas que teria para coletar o material. O desejo de absorver a experiência e de passar por todas as etapas de produção – apesar de muito trabalhosa – e também pela especificidade do “objeto” que seria usado no filme, acabou por transformar esse produto em um trabalho solo.

As perguntas para a entrevista surgiram de conversas do autor com sua irmã sobre nossas memórias sobre ele, e como as temáticas eram diferentes e como essas imagens nossas faziam parte dele e ao mesmo tempo formavam diferentes avôs para ambos. Resolveu-se abordar assuntos como fé, oralidade, relações na família e o Alzheimer. As entrevistas foram gravadas sem problema, apesar de alguns entrevistados terem esperado até último momento para aparecer. Além disso, surgiu em vários momentos da entrevista o “discurso oficioso”, que tendia a tirar Augusto muitas vezes do campo dos homens comuns. Foi apontado como herói, imaculado nos seus feitos. Em contrapartida surgiam histórias de seus amigos e filhos que destoavam e criavam outras imagens do mesmo homem.

Com auxílio do Professor Simões, conseguimos desenvolver melhor as ideias e reestruturar um roteiro para todo o material que havia coletado. As leituras ajudaram a entender melhor como funcionava a construção daquelas imagens diversas do mesmo homem. E como a memória ia sendo afetada pela passagem do tempo. Após a decupagem das 11 entrevistas, reuniu-se num primeiro esboço as histórias que poderiam ser contadas. Durante a decupagem, foram aprofundadas leituras sobre storytelling e construção de roteiros (como a Introdução ao roteiro de documentário do professor Sérgio Puccini). Inclusive participando de um minicurso da Escola de Roteiros<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> A Escola de Roteiro – Storytelling é uma start up surgiu para auxiliar a construir histórias relevantes. Oferece cursos online relacionados a criação de roteiros e afins.

A ideia inicial era não aparecer no documentário, afastando-me do objeto e da narrativa. A história seria construída somente com os depoimentos captados. De alguma maneira, essa estratégia fazia com que o filme se tornasse justamente o que não queríamos: uma história biográfica sobre seu Augusto. Resolvemos então desenvolver narrações que situassem os questionamentos que tínhamos e que me mostrasse imerso no quadro que era pintado ali. Mesmo que numa pontinha escondida da obra, o autor está emoldurado ali, como narrador, ou mais um dos narradores.

A edição foi um processo de reassistir e reestruturar o filme, as decisões de como contar a história esbarraram nas lacunas que deveríamos preencher. Os filmes resgatados do acervo da família foram peças importantes na construção da narrativa final. Algumas delas inclusive com closes e movimentos de câmera que pareciam ter sido dirigidos. A finalização e colorização acompanhou a ideia caleidoscópica do filme a partir dos diversos lugares onde as imagens foram feitas. Há cores e luzes diferentes no filme, assim como diferentes pedaços de história.

Então, após meses de trabalho e com muito mais experiência, Augusto – homem memória, está pronto. Este documento é um relato dos percalços na produção de um documentário que beira o ficcional na medida em que brinca com a ilusão em que consiste a memória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar trabalhos é, para mim, uma coisa quase tão difícil como iniciá-los. A sensação é de que não posso visitar o material, pois sei que surgirão mais ideias e lugares onde se possa melhorar. É um trabalho quase espiritual esse de se afastar do objeto para não lapidá-lo a ponto dele sumir. Imaginei que seria trabalhoso escrever as considerações finais e os agradecimentos deste trabalho justamente pelos temas que discutimos aqui. Relembrar a trajetória no curso e todos os caminhos que me trouxeram até aqui não reafirmariam a existência de uma ilusão biográfica? Talvez, mas deixemos de lado as divagações.

Como profissional, a produção desse material trouxe no exercício da sua composição narrativa, através das escolhas das entrevistas e posterior edição, o aperfeiçoamento de métodos ensaiados no percurso dentro da universidade. Como pessoa, o processo de imersão no material foi algo que beira o analítico, psicologicamente falando. A materialização de várias das teorias e aprendizados obtidos durante esses – não tão curtos – anos na universidade foram um exercício sem precedentes. Refletindo sobre o papel do jornalista e as nuances do seu trabalho, entendendo melhor a estruturação da profissão e de aspectos como a tão discutida imparcialidade.

Até mesmo os problemas – acho que principalmente eles na verdade – colaboraram para repensar e modificar algumas maneiras de enxergar a minha prática como jornalista. O exercício da criatividade e principalmente de trazer os conceitos aprendidos para iluminar caminhos e também trazer mais questionamentos, foram chave importantíssima nesse processo final.

Com o filme finalizado, o desejo é que ele consiga viajar um pouco por aí. Que esse trabalho tenha relevância no sentido de tocar as pessoas e quem sabe fazê-las pensar um pouco sobre nossa existência. Acho que talvez seja essa uma das funções do documentário.

## REFERÊNCIAS

### FILMES

**EDIFÍCIO Master.** Direção de Eduardo Coutinho. Produção de Maurício Andrade Ramos e João Moreira Salles. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2002. Vídeo VHS Rip (110min). Sonoro, color. Port. Sem legenda.

**SANTO Forte.** Direção de Eduardo Coutinho. Produção de Claudius Ceccon, Dinah Frotté e Elcimar de Oliveira. Rio de Janeiro: CECIP - Centro de Criação de Imagem Popular, 1997. Vídeo VHS Rip (80min). Sonoro, color. Port. Sem legenda.

**ELENA.** Direção: Petra Costa. Roteiro: Petra Costa e Carolina Ziskind. Fotografia: Janice D'Ávila, Will Etchebehere, e Miguel Vassy. Direção de arte: Martha Kiss Perrone, Alonso Pafyese e Lorena Ortiz. Edição: Marília Moraes e Tina Baz. Trilha sonora original: Vítor Araújo, Fil Pinheiro, Maggie Hastings Clifford, Gustavo Ruiz. Brasil: Busca Vida Filmes, 2012. DVD (82min)

**JANELA da Alma.** Direção de João jardim e Walter Carvalho; Produção de Flávio R. Tambellini. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 2002, 1 DVD (73min)

## LEITURAS

Mucida, Ângela. **Escrita de uma memória que não se apaga – Envelhecimento e velhice / Ângela Mucida.** – Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica.** In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. - 8ª edição – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp.183-191.

PENA, Felipe. **Biografias em fractais: múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis.** Fronteiras-estudos midiáticos, v. 6, n. 1, p. 79-89, 2004.

COSTA, Caio Túlio. **Jornalismo como representação da representação: implicações éticas no campo da produção da informação.** LÍBERO. ISSN impresso: 1517-3283/ISSN online: 2525-3166, n. 23, p. 29-41, 2016.

FROCHTENGARTEN, Fernando. **A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho.** Psicol. USP, São Paulo , v. 20, n. 1, p. 125-138, mar. 2009. Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51772009000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772009000100008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 06 abr. 2017.

SALLES, João Moreira. **A dificuldade do documentário.** In: MARTINS, José de Souza, ECKERT, Cornélia e NOVAES, Sylvia Cainby. O Imaginário e o poético nas ciências sociais. São Paulo: Edusc, 2005. Cap. 03, p. 57 – 71.

# ANEXOS

## ANEXO A - ROTEIRO

VIDEO	AUDIO
<p>Augusto aparece no lado de um sofá-cadeira e canta "Cabelos Brancos" de Nelson Gonçalves.</p> <p>A narração surge após um fade out no som do vídeo do arquivo. A música de Rua sobe. As imagens que aparecem são aleatórias e misturam fotos e vídeos.</p> <p>Após um Fade In surge o nome do filme.</p> <p>Plano detalhe cadeira vazia na ponta de uma mesa.</p> <p>Imagens da sala, plano detalhes da mesa com smtons.</p> <p>Imagens Arquivo Passcal: Augusto aparece numa cadeira de balanço, olha fixo para a câmera.</p>	<p><u>VOZ DE DEUS</u> Os lugares e as pessoas com quem a gente costumava se relacionar. Instantes que queríamos ter e poder de perpetuar na memória. Aquela hora da tarde em que a luz vai diminuindo pra dar espaço à noite. Viagens. Afetos. Em tudo que se vivencia a todo momento, o que determina o que é importante e instantâneo para ser lembrado? O que define na nossa cabeça o que se transforma em nós em memória?</p> <p><u>INÊS</u> Na área, ela sempre gostava de tá lá, curvindo Luis Gonzaga... E na cozinha, que ela sempre gostava de ficar no cantinho. Nunca lá fazendo a comida e ele ficava lá. Ficava conversando e traz muitas lembranças essas locais.</p> <p><u>D. REMÉDIA</u> Na sala, que sempre a gente ficava no sofá assistindo. Nas orações que ela sempre gostava de rezar, fazer renovação do coração de Jesus, todo ano.</p> <p><u>FILIZ</u> Na presença da minha mãe.</p> <p><u>VOZ DE DEUS</u> Gabriel Garcia Marquez diz que "a vida não é o que a gente viveu, e sim o que a gente recorda, e como recorda pra conta-la". Assim, emergir a realidade através das lembranças seria algo impossível. Então, onde termina o homem e onde começa a lenda?</p> <p><u>FRANCO</u> Pra mãe ele foi uma lenda. Augusto Casé foi uma lenda.</p>

VIDEO	AUDIO
<p><b>Fada Cut</b></p> <p>Imagens de um desenho de Augusto aparecem, em tom cut a figura vai se desfazendo enquanto um Fada Cut encobre a imagem.</p> <p>Imagens Arquivo Pessoal: Augusto sentado junto a outro senhor conta "como era bom o tempo de 48", e sobre seu padrinho que o levou para trabalhar em Miselo Velha.</p>	<p><b>OSM</b>          Em honestidade não tinha outro homem como ele não. Pra você ter ideia a honestidade dela foi tão grande que até hoje ainda tá sendo.</p> <p><b>OSMO</b>          Uma vez eu lembro, eu era criança. Meu pai e minha mãe foram fazer uma feira. E aí quando chegaram em casa que foram fazer a conta do que compraram, tinha passado naquela feira uns 4 quilos de alimento. Aí ele colocou numa sacola e disse que ia entregar. E foi entregar ao dono. Aí os vizinhos ficaram tirando onda, que isso era coisa 'de quadrado'. E ele disse que era isso que ele não queria na casa dele. Quería que os filhos dele se criassem daquilo que fosse fruto do suor dele, fruto de honestidade.</p> <p><b>D. BENEDETA</b>          Meu pai levava a gente pra renovação do coração de Jesus e eu conheci ele lá. Ele tocava. Tocava piano nas renovações.</p> <p><b>D. BENEDETA</b>          Criou-se com o tio e a mãe. Aí foi trabalhar numa mulher em Miselo Velha, no Ceará. Aí começou a trabalhar muito novo.</p> <p><b>D. BENEDETA</b>          Foi uma tia dele lá e disse que Curicouri era um lugar bom de safra de algodão. Ela vinha grávida do 5º filho, aí foi uma vezinha. Nós chegamos em 65 e ela nasceu em 66. Aí ficaram aqui no Pernambuco. Aqui eu ainda tive 6 filhos. Que foram 12. Dezoito filhos.</p>

VIDEO	AUDIO
<p><b>Imagem Arquivo Pessoal:</b> Augusto caminha na direção a um banco de madeira e pergunta de quem é a casa que ele observa ao longe. Ouve a resposta de que a casa era sua. Ele diz que não lembra porque não estava olhando direito. Augusto coça a cabeça olhando pra casa. Augusto então pergunta se ainda existem os juazeiros próximos a casa.</p> <p>Aparecem imagens dos galhos de um juazeiro.</p>	<p><b>TICO</b> Eu lembro muito quando eu era criança, que ele trabalhava no Nazaré. Eu ia pra lá deixar almoço e ficava com ele. Na minha infância eu tinha problema de asma, ele trabalhava lá na roça e me colocava pra ficar na sombra. Além de ter o cuidado de tá trabalhando ali na lida ele tinha o cuidado com os filhos. Ele dizia: oh! Fique ali! Em a sombra de uma baruna e de um juazeiro.</p> <p><b>D. BENEDETA</b> Ai, a gente veio 'pregui' por que ele tinha feito uma casa na rua. E eles vieram estudar porque não dava pra estudar lá. Lá no sítio era tudo muito difícil. Ele veio pra cidade, ainda ficou botando roça em outras fazendas. Ai ele vendeu o burro e a carroça e depois colocou o bar. Começou vendendo umas coisinhas poucas, depois botou muitas e o bar deu até...</p> <p><b>ROQUELO</b> Ai todo dia com Augusto levava o caderno pra casa, mas o bar era partinho. Então a gente ia acordar ele.</p> <p><b>TARDE</b> Foi final de mês. Nós lá sentados esperando ele, batemos no portão ele disse: vê já! Eu me encostei no</p>

4

VIDEO	AUDIO
	<p>pé de pau, arara sentou 'assim'. Ai lá vem seu Augusto, caderninho em baixo do braço. Final de ano né? Lá vem seu Augusto. Quando arara olhou...</p> <p><u>NESTINO</u> Ah, mas compadre Augusto ficou em recuperação? Ai ele 'quimava' ruim.</p> <p><u>ELIA</u> Ele era calmo até certo ponto, mas se alguma coisa no caso dele ele era explosivo.</p> <p><u>OSGÉ</u> Apesar de ele se estressassetava estressado mesmo! Ele era um homem disposto.</p> <p><u>NESTINO</u> Ave maria! Era calmo demais, só dava pra sorrir 'ome'. Eu nunca vi ele sangado pra começar. Nunca vi ele com ruiva mão.</p> <p><u>D. JENEFIA</u> Passou uns 8 a 10 anos. Todo mundo gostava dele, sempre era chulo e bar. Quando ele adoeceu a gente pediu pra ele fechar o bar.</p> <p><u>NESTINO</u> Ficou assim como quando o camarada tira uma abelha de uma árvore assim. Corta ela, tira a abelha, tira o mel. As abelhas ficam arrodando um buraco de dia, sentindo o cheiro de mel. A mesma coisa.</p>

VIDEO	AUDIO
<p data-bbox="363 439 738 533">Uma foto de passasas dentro de um bar, na vigia acima da cabeça deles os dizeres "Ordem e Respeito"</p> <p data-bbox="363 907 751 1048">Imagens Arquivo Pessoal: Augusto conta da ordem de Maria Pia para "atirar e matar" qualquer pessoa que aparecesse no lugar que ela vigiava.</p> <p data-bbox="363 1077 766 1126">Plano detalhe de fotografias da casa desfocando.</p> <p data-bbox="363 1368 754 1440">Plano detalhe da fotografia da família de frente a casa desfocando.</p>	<p data-bbox="834 439 1374 510"><u>WANDA</u> Ele contava a história de que trabalhava com Zé Pimenta e Maria Pia.</p> <p data-bbox="834 533 1393 696"><u>TAMAR</u> Ele contava que trabalhou quase como segurança pra esse Zé Pimenta. Andava num jipe. Mas ele chegava nuns pontos que ele não gostaria de estar, mas devido a prestar serviço pra ele, tinha que ficar ali, como guarda dele.</p> <p data-bbox="834 719 1337 882"><u>WANDA</u> A noite, invés dele ficar em casa - ele diz que não tinha como ficar em casa. Ia pra lá vigiar as coisas do patrão. Ia pra Misato valha com ele, pros enganos de casa. E viajava muito mais esse Zé Pimenta.</p> <p data-bbox="834 1077 1393 1335"><u>LÍCIA</u> Ela não lembrava da casa dele. Porque essa casa passou por uma reforma e mudou toda a estrutura da casa. E ela de noite, de madrugada, começava a juntar os lençóis e dizia que: "É o senhor vai pra onde papai?" "Não, quero ir pra casa, quero ir pra casa!" "Mas o senhor tá em casa papai", "não aqui não é minha casa não". Ele não recordava daqui de jeito nenhum.</p> <p data-bbox="834 1368 1393 1509"><u>LÍCIA</u> No começo foram lapsos, mas depois que foi diagnosticado mesmo. Ai o médico explicou que as memórias mais recentes elas tavam se fechando. E ele só ia recordar de que ficou mais pra trás.</p> <p data-bbox="834 1532 1278 1603"><u>D. BENEDETA</u> Toda a vida dele do passado ele conversava.</p>

VIDEO	AUDIO
	<p><u>03:08</u> Quando ele já tava com mal de Alzheimer minha mãe repreendendo ele. Ela falando numa briga que ele tava. Ele foi mais a mãe dele, Dona Santa. Num ferrô lá e ela foi vender cachaca. Com pouco, pegou uma briga pra lá e ela pediu pra ele não ir apertar a briga. Mas ele foi. E as cabras cobriram ele na pais e no cacete. Ele disse que no zoológico da lua, ele viu o cabra descendo o cacete nele. Ele tirou com o brago e daí a pouco tava por baixo de quatro cabras. Ai ele deu na cintura das cabras, ele tava com uma faca. Ele punou a faca do cabra e deu um foteçada nele. Ai quando ele gritou que tava furado, foi cabra correndo pra tudo quanto é lado. Mas ele já tava com mal de Alzheimer, ele contava por parte né?</p> <p><u>10:14</u> Papai com Alzheimer foi interessante também. Papai nunca dançou comigo e nem deixava. As filhas mulheres do papai não eram pra dançar.</p> <p><u>D. WENDRYA</u> Ah ele não deixava elas irem pra festa não. A festa que ele deixava ir era a do São Sebastião. Mas não era pra ir pra Inácio não. A mais velha mesmo nunca foi, ele nunca deixou.</p> <p><u>10:14</u> Mas com Alzheimer ele dançou comigo. A gente tava lá na área e tava passando uma música que ele gostava. "Vamo dançar papai?" Ai ele, "vamo!". Ele se descobria mais. Algumas coisa tu sabe que são escondidas né? Não deixadas de lado e a gente não passa pros Filhos. "Isso aqui não é um bom exemplo e eu não vou contar pro meu filho". E</p>

VIDEO	AUDIO
<p>Imagem Arquivo Pessoal: Augusto cantava "Cabelos Brancos", já mais negro, o olhar perdido parece não notar estar sendo filmado.</p> <p>Filmo detalhe de fotografias de reuniões da família.</p>	<p>no Alzheimer ele cantava. No Alzheimer ele cantava... Foram duas coisas que papai não esqueceu, cantar e uma música que ele cantava...</p> <p><u>VOZ DE DEUS</u>  É quando o homem desaparece? Surge sua forma física e agora figura nas recordações dos amigos, dos filhos. Sua memória preservada em cada um dos homens que ele era ou poderia ter sido. Toda a resignificação que as lembranças passam. Pelo tempo, pela dor ou pela saudade.</p> <p><u>JOÃO</u>  Nas datas de comemoração. Principalmente no aniversário dele, ele sempre queria que a gente tivesse um bolo. Nunca queria que passasse um branco sem nada. Era só nós da família, mas só a gente já enchia a casa, os filhos os netos.</p> <p><u>ELIANA</u>  Quando ele partiu, caiu uma coluna da casa não?</p> <p><u>OSÉ</u>  Ele sentia prazer mesmo quando a gente ia fazer essas comemorações lá em casa. O maior prazer que ele tinha na vida era porque tinha conseguido criar os filhos 'tudin' e morava tudo encaixado a ele. Quando ele queria ver ele via 'tudin'.</p> <p><u>D. JESSICA</u>  A solidão. A solidão, que ele sempre foi presente. Trabalhava de noite, a noitetava em casa e sempre</p>

VIDEO	AUDIO
<p>Fado In</p> <p>Sobre música: Ortopedia - Rua</p> <p>Imagens dos filhos e fotos. Sebam os créditos.</p>	<p>foi presente. Ai me faz muita falta a presença dele.</p> <p><u>GENRO</u> Quando o pessoal comentava as vezes, que achava muito bonito o jeito que era a familia da gente, o jeito que eram os filhos de seu Augusto. O jeito de se preocupar com os pais. Meu pai falava que tudo aquilo que ele tava colhendo hoje, os filhos dele trabalhando e ajudando ele, aquilo tudo era herança de que tinha feito no passado pela mãe dele.</p> <p><u>PAI</u> Eu nunca fui do lado dele, até ele sair do lado da gente.</p> <p><u>NETUNHO</u> Deixou muita saudade aqui na terra, pra mim e pros amigos dele né? A familia não se fala.</p> <p><u>VOM DE BOM</u> Entre recordações e esquecimentos, quantos Augustos caminham pela casa onde sua mulher ainda vive? Sentados a mesa, na sala, coexistem harmonicamente em um homem lembrança. Em cantos de pequenos fractais de memória. Formando talvez quem foi e quem agora é Augusto.</p> <p><u>VOM DE BOM</u> Vovô, e sou eu perguntasse quem é seu Augusto?</p> <p><u>D. EMERITA</u> Meu marido... Meu marido.</p>

VIDEO	AUDIO
Fada Out	<p><u>D. JESSEITA</u> Meu filho, se não ficou bom você vai me desculpendo...</p> <p><u>VOM DE FADA</u> Não, vô, ficou ótimo.</p> <p><u>D. JESSEITA</u> Ainda tá filmando? Se não ficou bom, o que 'farto' foi a memória que não dá mais, mas o que eu pude falar eu falei.</p>

## ANEXOS B – TERMOS DE SESSÃO DE IMAGEM

Eu, Expedita Maria dos Santos Filha  
portador(a) do RG número 5560608 e inscrito no CPF 023.580.864-86  
autorizo o aluno Agamenon Porfírio, da Universidade Estadual da Paraíba do curso de  
Jornalismo, a utilizar minha imagem para reprodução em filme, vídeo, DVD ou outro meio  
eletrônico similar, destinado ao trabalho de conclusão de curso cujo tema se refere ao  
documentário *Augusto – homem e memória*, podendo ser veiculada e difundida por prazo  
indeterminado e sem limites de território.

Esta cessão é feita em título oneroso e tem validade a partir da presente data.

Ouricuri, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, 2017.

Nome completo: Expedita Maria dos Santos Filha

X Expedita Maria dos Santos Filha

Eu, Ermedita Maria dos Santos  
portador(a) do RG número 4529419 e inscrito no CPF 843.708.604-72  
autorizo o aluno Agamenon Porfírio, da Universidade Estadual da Paraíba do curso de  
Jornalismo, a utilizar minha imagem para reprodução em filme, vídeo, DVD ou outro meio  
eletrônico similar, destinado ao trabalho de conclusão de curso cujo tema se refere ao  
documentário *Augusto – homem e memória*, podendo ser veiculada e difundida por prazo  
indeterminado e sem limites de território.

Esta cessão é feita em título oneroso e tem validade a partir da presente data.

Ouricuri, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, 2017.

Nome completo: \_\_\_\_\_

X 

Eu, JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS  
portador(a) do RG número 2.078.193.503-PE e inscrito no CPF 248.651.684-00,  
autorizo o aluno Agamenon Porfírio, da Universidade Estadual da Paraíba do curso de  
Jornalismo, a utilizar minha imagem para reprodução em filme, vídeo, DVD ou outro meio  
eletrônico similar, destinado ao trabalho de conclusão de curso cujo tema se refere ao  
documentário *Augusto – homem e memória*, podendo ser veiculada e difundida por prazo  
indeterminado e sem limites de território.

Esta cessão é feita em título oneroso e tem validade a partir da presente data.

Ouricuri, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, 2017.

Nome completo: JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS

x José Augusto dos Santos

Eu, FELISBERTO MORAIS DE ALENCAR  
portador(a) do RG número 285.11007.4008 e inscrito no CPF 226.797.234-44  
autorizo o aluno Agamenon Porfírio, da Universidade Estadual da Paraíba do curso de  
Jornalismo, a utilizar minha imagem para reprodução em filme, vídeo, DVD ou outro meio  
eletrônico similar, destinado ao trabalho de conclusão de curso cujo tema se refere ao  
documentário *Augusto - homem e memória*, podendo ser veiculada e difundida por prazo  
indeterminado e sem limites de território.

Esta cessão é feita em título oneroso e tem validade a partir da presente data.

Ouricuri, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, 2017.

Nome completo: FELISBERTO MORAIS DE ALENCAR

x *Felisberto Morais de Alencar*

Eu, Lucia Expedita dos Santos Amaral  
portador(a) do RG número 6.312.723/171156 e inscrito no CPF 042.424.254-01  
autorizo o aluno Agamenon Porfírio, da Universidade Estadual da Paraíba do curso de  
Jornalismo, a utilizar minha imagem para reprodução em filme, vídeo, DVD ou outro meio  
eletrônico similar, destinado ao trabalho de conclusão de curso cujo tema se refere ao  
documentário *Augusto – homem e memória*, podendo ser veiculada e difundida por prazo  
indeterminado e sem limites de território.

Esta cessão é feita em título oneroso e tem validade a partir da presente data.

Ouricuri, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, 2017.

Nome completo: Lucia Expedita dos Santos Amaral

x Lucia Expedita dos Santos Amaral

Eu, João Batista Casé dos Santos,  
portador(a) do RG número 2946349 SSP PE e inscrito no CPF 309.525.704-04  
autorizo o aluno Agamenon Porfírio, da Universidade Estadual da Paraíba do curso de  
Jornalismo, a utilizar minha imagem para reprodução em filme, vídeo, DVD ou outro meio  
eletrônico similar, destinado ao trabalho de conclusão de curso cujo tema se refere ao  
documentário *Augusto – homem e memória*, podendo ser veiculada e difundida por prazo  
indeterminado e sem limites de território.

Esta cessão é feita em título oneroso e tem validade a partir da presente data.

Ouricuri, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, 2017.

Nome completo: João Batista Casé dos Santos

*João Batista Casé dos Santos*

Eu, MARIA ESPEDITA DOS SANTOS LIMA  
portador(a) do RG número 4367347698 e inscrito no CPF 77434579404,  
autorizo o aluno Agamenon Porfírio, da Universidade Estadual da Paraíba do curso de  
Jornalismo, a utilizar minha imagem para reprodução em filme, vídeo, DVD ou outro meio  
eletrônico similar, destinado ao trabalho de conclusão de curso cujo tema se refere ao  
documentário *Augusto – homem e memória*, podendo ser veiculada e difundida por prazo  
indeterminado e sem limites de território.

Esta cessão é feita em título oneroso e tem validade a partir da presente data.

Ouricuri, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, 2017.

Nome completo: MARIA ESPEDITA DOS SANTOS LIMA

x *Maria Espedita dos Santos Lima:*

Eu, PEDRO AUGUSTO DOS SANTOS  
portador(a) do RG número 5919196 SP/17 e inscrito no CPF 039402544-09  
autorizo o aluno Agamenon Porfírio, da Universidade Estadual da Paraíba do curso de  
Jornalismo, a utilizar minha imagem para reprodução em filme, vídeo, DVD ou outro meio  
eletrônico similar, destinado ao trabalho de conclusão de curso cujo tema se refere ao  
documentário *Augusto – homem e memória*, podendo ser veiculada e difundida por prazo  
indeterminado e sem limites de território.

Esta cessão é feita em título oneroso e tem validade a partir da presente data.

Ouricuri, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, 2017.

Nome completo: Pedro Augusto dos Santos



Eu, JOSE DE SIQUEIRA  
portador(a) do RG número 10223211793 e inscrito no CPF 041.303.574-73  
autorizo o aluno Agamenon Porfírio, da Universidade Estadual da Paraíba do curso de  
Jornalismo, a utilizar minha imagem para reprodução em filme, vídeo, DVD ou outro meio  
eletrônico similar, destinado ao trabalho de conclusão de curso cujo tema se refere ao  
documentário *Augusto – homem e memória*, podendo ser veiculada e difundida por prazo  
indeterminado e sem limites de território.

Esta cessão é feita em título oneroso e tem validade a partir da presente data.

Ouricuri, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, 2017.

Nome completo: JOSE DE SIQUEIRA

x JOSÉ DE SIQUEIRA

Eu, LUIS INACIO DOS SANTOS  
portador(a) do RG número 1542 189 9104 e inscrito no CPF 211.238.574.87,  
autorizo o aluno Agamenon Porfirio, da Universidade Estadual da Paraíba do curso de  
Jornalismo, a utilizar minha imagem para reprodução em filme, vídeo, DVD ou outro meio  
eletrônico similar, destinado ao trabalho de conclusão de curso cujo tema se refere ao  
documentário *Augusto – homem e memória*, podendo ser veiculada e difundida por prazo  
indeterminado e sem limites de território.

Esta cessão é feita em título oneroso e tem validade a partir da presente data.

Ouricuri, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, 2017.

Nome completo: LUIS INACIO DOS SANTOS

*x Luis Inacio dos Santos*

Eu, FRANCISCO AUGUSTO DOS SANTOS,  
portador(a) do RG número 5085006<sup>10074</sup> e inscrito no CPF 048.728.184-58  
autorizo o aluno Agamenon Porfirio, da Universidade Estadual da Paraíba do curso de  
Jornalismo, a utilizar minha imagem para reprodução em filme, vídeo, DVD ou outro meio  
eletrônico similar, destinado ao trabalho de conclusão de curso cujo tema se refere ao  
documentário *Augusta – homem e memória*, podendo ser veiculada e difundida por prazo  
indeterminado e sem limites de território.

Esta cessão é feita em título oneroso e tem validade a partir da presente data.

Ouricuri, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, 2017.

Nome completo: FRANCISCO AUGUSTO DOS SANTOS

X FRANCISCO AUGUSTO DOS SANTOS